AS MIRAGENS DO ATEÍSMO

LUÍS SUCUPIRA

Canta o salmista que "os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos" (Sl. 18,2).

Apesar disso, em tôdas as épocas da história encontram-se homens, filósofos de renome ou apenas vulgares livres-pensadores, que, dizendo-se espíritos fortes e sem preconceitos, metem-se a afirmar um orgulhoso ateísmo.

A palavra ateu, no grego, aceita depois em várias línguas, procura definir o indivíduo para quem Deus não existe. E a adotar-se o seu sentido puramente etimológico, devem figurar entre os ateus não só os que negam Deus mas também os que O ignoram, e, portanto, não crêem Nêle.

Com o tempo a definição assumiu vários sentidos, envolvendo desde os simples incrédulos até os decididos militantes do ateísmo, verdadeiros apóstolos que se glorificam do título de "sem-Deus", e que o são, aliás, muito menos do que pensam e menos ainda do que os primeiros.

Foi a Revolução Francesa que estendeu ao Estado o caráter de ateísmo, encapuzado na denominação de laicismo oficial, estendendo-se gradativamente às massas, grandemente trabalhadas nesse sentido, ao mesmo tempo em que iam ficando desamparadas da assistência espiritual. Após um século de incubação, num mundo que se vai dia a dia entrando em decomposição moral, a virulência do ateísmo explodiu com a Revolução Russa, estabelecendo-se não mais o laicismo oficial mas o combate obrigatório a Deus pelo próprio govêrno.

Daí essa campanha hoje deflagrada em todo o mundo contra Deus. A mesma raiva satânica anima todos os que nela se inscrevem e dela participam. Para conseguir seus intentos, empregam-se todos os modernos meios e processos de propaganda, como a impren-

sa, o rádio, a televisão e o cinema. E se o entendimento é geral nessa campanha de destruição, divergem os recursos que adotam para substituir o mistério divino pelos mitos das invenções em tôrno dos quais gira a sua ideologia. O ateísmo russo funda-se na forma social, colocando a verdade e o bem no germe da sociedade proletária, que, impondo-se como a única realidade possível, representará o ideal humano para a dominação e salvação do mundo. O ateísmo liberal, de origem anglo-saxônica, coloca na Ciência e na Razão o fundamento da vida e da verdade. Por sua vez, o ateísmo latino contenta-se de falar inglês nos centros burgueses e russo nos meios proletários.

Várias são as razões em que se baseiam os ateus para negar a Deus, figurando entre elas razões fúteis, razões viciosas e razões danosas.

Os pobres de espírito recorrem a razões fúteis porque acham bonito dizer-se ateu ou porque assim procederam alguns filósofos ou escritores tidos como grandes talentos; os que se apegam àquelas três concupiscências de que fala o Evangelista enquadram-se entre os que recorrem a razões viciosas, como os materialistas que só admitem as realidades sensíveis, fundando-se numa falsa ciência, que só compreende como verdadeiro o que os olhos distinguem. E os orgulhosos de espírito, que se julgam sêres superiores, não admitindo nenhum outro ser acima dêles. Entre êstes figuram os ceticistas, que duvidam de tudo, salvo de si próprios, os idealistas, que negam a própria evidência da realidade, os subjetivistas que se arrogam o poder de criar o universo. Por fim se apresentam os que se deixaram levar pela insânia de negar aquilo que já conheceram, amaram e serviram, como são os apóstatas, cuja negação comporta um desprêzo que atesta a profundeza de suas trevas. Entre êles, uns tornam-se sectários, outros ficam reduzidos a tal cegueira de espírito, que chegam a rejubilar-se com a esperança de um total aniquilamento.

Em princípio, porém, nenhum ateu, por mais que pretenda sê-lo, pode deixar de cogitar da existência de Deus. O ateísmo não se impõe fàcilmente ao espírito. Daí ser preciso demonstrá-lo, demonstração, no caso, de todo impossível, visto como o não-ser repele a razão de ser. Por isso os ateus contentam-se ordinàriamente com atitudes de ataques às razões de crer ou de rejeitá-las sem argumentos profundos, não fundando suas negativas em pontos positivos nem admitindo as conceituações filosóficas que comprovam a existência de Deus.

Diante disso é que pergunta Sertillanges se realmente existem ateus, respondendo que os que encontramos com êsse título não passam de inconscientes. E que não se veja nisso uma injúria nem mesmo uma proposição doutrinária. Podemos admitir convicção naqueles que afirmam não acreditar em Deus. No entanto, a despeito de qualquer explicação em contrário, ninguém chega a negar Deus totalmente, o que faz é apenas deslocá-lo, isto é, transferir a crença em Deus, ente divino, para sêres criados ou sêres idealizados.

O instinto do absoluto encontra-se de tal modo enraizado no coração do homem, que é impossível arrancá-lo, salvo por aparência, pois, quando isso ocorre, há sempre uma substituição nominal ou conceitual.

As experiências, as crenças, as aspirações, tôdas as atividades individuais ou sociais provam a existência de Deus. Elas constituem uma adesão implícita a essa existência. Todo homem exerce a afirmação de Deus, mesmo aquêle que recusa fazê-lo, como todo homem afirma a verdade, mesmo quando sustenta que não admite a verdade.

Não se trata apenas de uma orientação do espírito, de um apêlo da vida, mas de um postulado que aponta seu objeto e que, secretamente, o ajusta no horizonte da consciência, mesmo quando a ação na forma condicional que ela afeta pareça incompreendida.

Nossa alma avança para Deus através de tôdas suas potências, mesmo quando parece ignorar o caminho que percorre. Sem Deus, por mais que ela se julgue segura na travessia empreendida, nada mais faz do que seguir uma rota falsa, como afirma François Mauriac.

Nesse sentido, a religião é tudo para o homem, não sendo senão parte dela as demais atividades que êle desempenhe. Como escreveu Tolstoi, "um homem pode ignorar que possui uma religião, como pode ignorar que possui um coração: mas sem religião, como sem coração, o homem não pode subsistir".

Salomão Reinach também assegura que o ateísmo tem sido sempre e sempre há de ser verbal. Não é que se procure acusar os que se dizem ateus de insinceridade, porque se pode ser sincero sem se conhecer a si mesmo.

Ante a grande onda de publicidade em favor do ateísmo e em face da crescente manifestação dos que se dizem "sem-Deus" fica a impressão de que os ateus aumentam em quantidade e qualidade. Mas a realidade é que seu número vai ficando reduzido entre os sêres realmente pensantes porque, mais do que nunca, vão os homens revestindo de um caráter absoluto a tôdas as ideologias que aceitam e praticam o que significa, em última análise, uma submissão a um imperativo superior. A isso, um pensador alemão denominou de "politeísmo ideológico", penetrado de um unitarismo latente, como se verificava entre os povos da antiguidade.

Por outro lado, jamais o homem consegue desfazer-se do sentimento do mistério, e, por conseqüência, das grandes noções espirituais que despertam no espírito dos crentes o conceito de Deus, como seja o sentido da natureza e da vida, da verdade, da bondade, da justiça, da fraternidade, do respeito e desenvolvimento da pessoa humana, da harmonia, do progresso dos grupos, da união dos povos, da expansão da verdade por todos os recantos em que a matéria humana permanece estagnada, ou corrompida, ou atingida pelo sofrimento.

Também essas coisas são combatidas aqui e ali, mas recebem o culto das consciências elevadas e quando êsse culto é conscientemente professado, quando não é promovido nem por um orgulho antropocêntrico, evidentemente perverso, ou por uma espécie de rapto levado a efeito às expensas da idéia religiosa nos domínios que procuram provar não lhe pertencer, então se pode e se deve prestar homenagem à esperança e nela acreditar.

É certo que surgem opiniões relativamente à idéia do divino como sendo natural e necessária ao homem, adiantando-se, porém, não corresponder ela a uma realidade comprovada.

Antes do mais é preciso estabelecer que Deus não é uma invenção do espírito, — é uma descoberta. Deus não é um clemente estranho ao real ou que não responde senão à comodidade de sua interpretação — Deus é o real mesmo, é, na sua realidade mais fundamental, o objeto mais alto do pensamento, se se der êste nome a uma atividade pròpriamente racional ou a uma feliz intuição.

Não são poucos os ateus que reconhecem ser impossível a um ateu absoluto viver, porque lhe faltam todos os apoios de que necessita para pensar e para agir, donde sentir-se êle como estrangeiro no real, assim desnudado de qualquer substância firme. Daí escrever Felix le Dantec que, "numa sociedade verdadeiramente atéia, o suicídio anestésico seria evidentemente uma honra e a sociedade acabaria desaparecendo por êsse meio".

Isso porque o ateu, "se fôsse até o fim das conseqüências de seu ateísmo, não teria mais desejo algum, nem fim algum, donde não precisar de fazer qualquer esfôrço. Para quê? Então êle não poderia viver. Felizmente não existe ateu perfeito". E o próprio Le Dantec concluía: "Estou muito à vontade no que me diz respeito de, ao lado do meu ateísmo lógico, possuir uma consciência moral, resultante de uma quantidade de erros ancestrais, e que me dita uma conduta no caso de minha razão deixar que me afogue."

Tôda a prolongada e milenar história da humanidade prova que no homem se inseriu um sentimento instintivo de uma realidade misteriosa da qual êle se sente depender, tanto êle como o meio imediato em que se acha mergulhado, realidade cuja benevolência e comércio podem procurar-lhe o acôrdo com êle próprio e com tôdas as coisas, assegurando-lhe, assim, o seu destino.

A isso é que se resolveu chamar de sentido religioso. Reconhecer isso em tôda parte é o argumento do "consenso universal" e a justificação da frase de Fenelon: "O ateu encontra-se sòzinho dentro do universo."

E porque não é próprio do homem o isolamento cruel, é a confinação nos estreitos limites do seu egoísmo, seja intelectual, seja social, daí poder-se afirmar que não existe o ateu puro, o ateu dominado totalmente pela idéia da não existência de Deus. Cada um dos que se afirmam imunes da crença na divindade perfeita se deixa dominar ou atrair por aquêle "politeísmo ideológico" já referido e

que em vez de libertar o espírito, o transforma em escravo de um culto idolátrico, já não mais referindo-se a um Criador que sempre existiu mas a criaturas de graus diferentes e que muitas vêzes não passam de objetos grosseiros ou ridículos. Mesmo quando se procura filosòficamente justificar a inexistência de Deus, através das escolas racionalistas, idealistas ou naturalistas, o que se faz é reclamar um culto latrêutico da razão humana. E isso representa um desastre intelectual que obrigatòriamente se transforma num desastre prático, através do indiferentismo cético, da sistemática abstenção em face da dúvida, da negação nos seus diversos graus, o que representa um crime contra o espírito.

O ateu, pela sua própria posição negativista, não pode fundar suas ações numa regra moral. Porque a prática, a moral, sobretudo, se afirma na alma de vontade reta, pela crença implícita em Deus. Tendo em vista o sentido de nossa ação e a orientação transcendente que ela envolve, agir moralmente é afirmar o objeto do desejo que motiva qualquer ação e a qualidade moral dêsse objeto como Bem soberano. Pode-se envolver na ação interêsses alheios como o amigo, a família, a corporação, a classe social, a pátria. Mas nessa ligação moral e nesse desprendimento de qualquer egoísmo encontra-se uma causa final que justifica, explica e aprova tal modo de proceder. E por isso não é possível ao homem aderir moralmente a nenhum outro ser, êle próprio incluído, senão passando por Deus, como não lhe é possível penetrar na essência profunda da sua realidade total sem o conhecimento de Deus. Há, porém, quem prefira aceitar coisas e fatos sem lhes penetrar no sentido.

O ateu é o homem que se deixa ficar entre a religião instintiva dos ignorantes e a religião refletida dos estudiosos. Tem tôdas as características de um espírito híbrido, ou, empregando a palavra científica, de um monstro.

Porque, assim como a idéia de Deus é velada aos olhos do homem primitivo pela superstição, ela também se torna indistinta à visão do livre-pensador pela ciência. Mas tal ciência, mesmo para os mais avançados descobrimentos da era atômica, ainda envolve muito de quimera. Daí afirmar William James que "o homem utiliza a ciência mas vive da religião".

Aliás, a ciência mais atualizada não conduz à extinção da idéia de Deus, porém à sua extensão, ao seu aprofundamento. À medida em que os limites do universo se alargam, o Ser supremo se torna mais imperioso, e à medida em que as intimidades da matéria são mais explìcitamente penetradas, a imanência soberana do Transcendente se torna mais acessível.

Pode-se afirmar sem receio de contradita que a todo progresso do conhecimento corresponde um progresso da idéia de Deus, continuando, no entanto, Deus ao mesmo tempo mais distante e mais próximo do homem: mais distante pela sua imensidade e mais próximo pela sua intimidade.

O universo, tal como o observamos, é infinitamente complexo. Dêle apenas conhecemos ínfima parte e isso mesmo pelas oportunidades que se vão oferecendo gradativamente à nossa inteligência. Na realidade, a "gôta de éter" exposta aos nossos olhares movidos pela curiosidade filosófica ou científica não passa mesmo de uma gôta no Oceano, ser total. Sabendo disso, como julgar em definitivo um conjunto tão prodigioso?

Procuram os ateus construir suas negações metafísicas na alegada existência das desordens verificadas na execução do que chamam de Sinfonia do Universo.

É fácil revelar o aparecimento de desordens em redor de nós, o que não impede de pensar que elas fazem parte de uma ordem maravilhosa. O que não parece estar em ordem em face da simultaneidade dos fenômenos pode fazer parte de uma ordem sucessiva, como na sinfonia em que tôdas as dissonâncias se dissolvem na harmonia da execução. A idéia da evolução, tão cara aos negadores de Deus, pode servir-lhes de amparo, e, por efeito de conseqüência, estender-se também ao mundo moral, à ordem cósmica, se se faz apêlo à vida futura e à esperança de retribuições.

No entanto, êsses argumentos de nenhum modo depõem contra Deus, se se quiser permanecer no campo da razão pura. Porque, de um lado, Deus é provado pelo mínimo elemento de ordem, não podendo, assim, ser destruído pelo da desordem, salvo se essa revestisse um caráter absoluto, suposição por si mesma absurda.

Aliás, Bergson comprovou que a idéia de desordem é uma pseudo-idéia, que uma pretensa desordem não passa de uma ordem inesperada, estranha ao observador, e que, em outras palavras, a desordem é sempre relativa, julgada em relação a qualquer outra coisa. Ao passo que a ordem tem uma positividade, que é a dela mesma. Portanto, Deus prova Deus, desde que todo ser necessita de uma fonte, e a desordem nada prova, porque, no sentido em que ela podia provar alguma coisa, ela não existe.

É interessante de destacar na atitude daqueles que negam Deus quando chegam a irritar-se contra Êle, erguendo para o céu punhos fechados numa demonstração de rebeldia furiosa. Essa indignação, essa negação em massa toma o caráter de um escândalo, de uma revolta, pois em vez de negação, o que dali ressalta sub-repticiamente é a afirmação de Deus, de um Deus com o qual não se está contente, de um Deus que se quer destruir. Homem algum se volta contra fastasmas.

Como diz Pascal, a prova de Deus é positiva, e, diante dela, a objeção não passa de dúvida e resulta de não ser possível tudo ver. Só os obstinados teimam em querer tudo abarcar com a vista ante o imensurável de um espetáculo: o homem de senso jamais isso fará.

O fato incontestável para nós, humanos, que procuramos e queremos a verdade, é que a crença em Deus não pode ser realmente evitada. Temos que enfrentá-la e vivê-la sempre. Ou tomamos, com

Deus, livremente, a conduta de nossa vida, e, então, o universo e o próprio Deus trabalham por nós, como trabalhamos para êles, ou, então, recusamos essa colaboração, fechamos os olhos e os ouvidos à verdade da vida e tudo continua a viver sem nós. Mas a ordem universal nos impele e nos constrange e acaba fazendo-nos patinar como o cavalo rebelde de Tolstoi, ou como o civil emaranhado no meio de um exército em marcha, ignorante ao ritmo das manobras e, por isso, cada vez mais ficando para trás.

Está na ordem das coisas humanas que só se encontra o que se busca, só se alcança o que se procura. Nada chega às nossas mãos por acaso, máxime quando se trata de objetos dependentes da nossa vontade livre. Procurar é uma condição na vila do homem. Mas procurar com sinceridade. Não é que se acuse o ateu de insincero, no sentido trivial do têrmo. Mas o fato é que êle não se esforça para atingir a realidade como ela é. Prefere deixar-se prender em seus pontos de vista prèviamente construídos, em suas posições antecipadamente estabelecidas, em seus hábitos espirituais viciosamente adquiridos.

A verdade é quase sempre exigente, daí por que muitos preferem recuar quando a dificuldade se antolha, e o instinto acha melhor dar um passo atrás antes que a verdade dê um passo à frente, na alma. Esta licença lhe é recusada, e fica-se diante do ateu voluntário, irmão gêmeo do crente revoltado.

E o que é mais terrível entre os que procuram a verdade é que, às vêzes, êles a encontram e a conhecem. E surge, aí, a dúvida feroz, o entrave obsedante, porque, de um lado, impõe-se a renúncia a tudo o que se havia acostumado a amar, e, de outro, o mêdo de largar um passado que representava convicções e idéias tornadas agora absurdas e condenáveis. É uma verdadeira revolução: tem-se que recusar ou aceitar. Então a vaidade se manifesta maior do que a verdade e passa-se a acariciar a objeção em vez de dar-se lugar à prova e uma hipocrisia secreta persuade que a fraqueza da objeção é que merece vitória e não a fôrça da argumentação imperiosa.

No entanto, a fórmula do mundo continua a exigir solução. E a consciência já chegou à conclusão de que ela não pode ser alcançada sem a aceitação de um Ser supremo.

Desde que se aceita a existência de Deus, começa-se a compreender que Êle é o nosso fim, a nossa inspiração interior, a nossa lei, o objetivo de nossa adoração e de nosso amor íntimo, ou, numa palavra, de nosso tudo. E também entramos a compreender que não podemos alcançá-lo apenas com o instrumento da nossa razão abstrata. Nenhum objeto moral pode ser alcançado por êsse modo. Para tanto é indispensável uma conaturalidade, uma assimilação de homogeneidade entre o pesquisador e o objeto procurado. Só o coração verdadeiramente amante é que consegue encontrar o amor. Os que se entregam à exploração da natureza não permanecem em atitude passiva diante dela. Deixam-se dominar pela simpatia, como acon-

tece com o poeta ou com o artista: porque só se encontra o que se procura e só se procura o que se ama.

Não é com orgulho nem com altivez que o espírito sequioso da divindade chega a possuir-lhe o conhecimento. Como tôda procura, essa tarefa implica dedicação e ansiedade, amando-se os objetos divinos que se apresentam como intermediários entre a Divindade em pessoa e aquêles que devem encontrá-la. O verdadeiro, o belo, a integridade moral possuem essas características. Êles são Deus conosco, e, por isso, capazes de que sejamos um com Deus, obscuramente, nos primeiros contatos, mas, em seguida, claramente, como sucede na ordem normal das coisas.

O sol não faz brotar a vida senão dos sêres que já a possuem em germe.

Os que vivem mal resolvem pràticamente o problema de Deus contra Deus, pois de uma má postura não saem senão ovos chocos. Para que Deus se comunique ao homem é preciso renunciar aos egoísmos, às misérias que tornam inútil a vida.

Se Deus existe, sendo o que é, um ser moral e soberano, ninguém pode vangloriar-se de captá-lo, mesmo com a inteligência, dispensando seu concurso, descuidando-se de tomar uma atitude moral, isto é, uma atitude de humildade, de desejo, de aceitação eventual de homenagem, da obediência e do apêlo.

Em todo caso, o que importa não é um mero estudo, é uma experiência, salvo se se é beneficiado com o dom particular de conhecê-lo. Cumpre entrar no jôgo, se é possível assim falar, como o caçador entra na floresta, evocando a vida animal e a vida silvestre, com elas identificando-se para se tornar sensível aos sinais de advertência, aos vestígios, aos traços, ou, como o artista ver interiormente seu objeto, não se contentando com uma fria observação exterior.

A palavra *apêlo* foi há pouco trazida à balha. Convém insistir no têrmo quando se quer realmente chegar à convicção da existência de Deus. É preciso, aí, fazer-lhe um apêlo que venha de dentro. Deus é uma Pessoa e por isso não ficará jamais surdo e mudo como os ídolos dos falsos deístas ou os cultos de idealismos confusos. Êle escuta, Êle ouve, Êle atende, Êle fala aos corações. E os corações humanos estão sempre necessitando de consolação, principalmente quando atingidos pelas provações, ulcerados, despedaçados pelas terríveis decepções que a vida oferece.

Em face das provações o ateu não conhece senão a raiva descompassada, choros e ranger de dentes. Acabrunhado pelos golpes da desgraça, êle apenas pode gemer ou irar-se, revoltar-se ou cair no desespêro. Mas não tem como consolar-se. Se são os homens que o fazem sofrer, como esperar dos homens alívio e alento?

O contrário ocorre com aquêles que sabem elevar seu coração a Deus, quando atingidos pelos sofrimentos. Um apêlo é dirigido até Deus, diante das injustiças aqui suportadas e o socorro do Alto é solicitado para que seja possível tornar proveitosa a impotência da na-

tureza em face das derrotas e dos desenganos. E em vez de chorar como os que não possuem esperança e de gemer como os que em nada mais confiam, os crentes como que redobram suas fôrças para encarar as vicissitudes, acreditando que sempre há uma consolação para aquêles que tudo aguardam da munificência de um Pai Eterno, que jamais deixa de atender aos que se lhe dirigem confiantes.

Enfim, lògicamente, o homem que crê em Deus é sempre um homem de ideal, e de ideal o mais elevado. A fim de tornar-se propício à divindade em que acredita, procura por todos os meios agradá-la, o que sòmente conseguirá elevando-se à perfeição. Assim a crença em Deus se apresenta como uma fonte de progresso espiritual incessante, porque o verdadeiro progresso humano sòmente pode ser concebido como uma ascensão para o ideal.

Concluamos, portanto, estabelecendo o veredito que se impõe contra o ateísmo. Não sòmente êle sufoca os melhores instintos da natureza humana, não sòmente se opõe ao testemunho unânime da crença universal; êle ainda se afirma como o inimigo número um do gênero humano. Porque, tanto mais é verdade que a crença em Deus superlota o mundo de benefícios, tanto mais é verdade que, por suas doutrinas se não por seus atos, os ateus são os piores malfeitores da humanidade, pois lhe roubam a esperança.